

Publicação Mensal - Ano LVIII - nº 613 199500 - IVA incluído

Revista ADVENTISTA

JUNHO - 1998

Olhando
Para Jesus

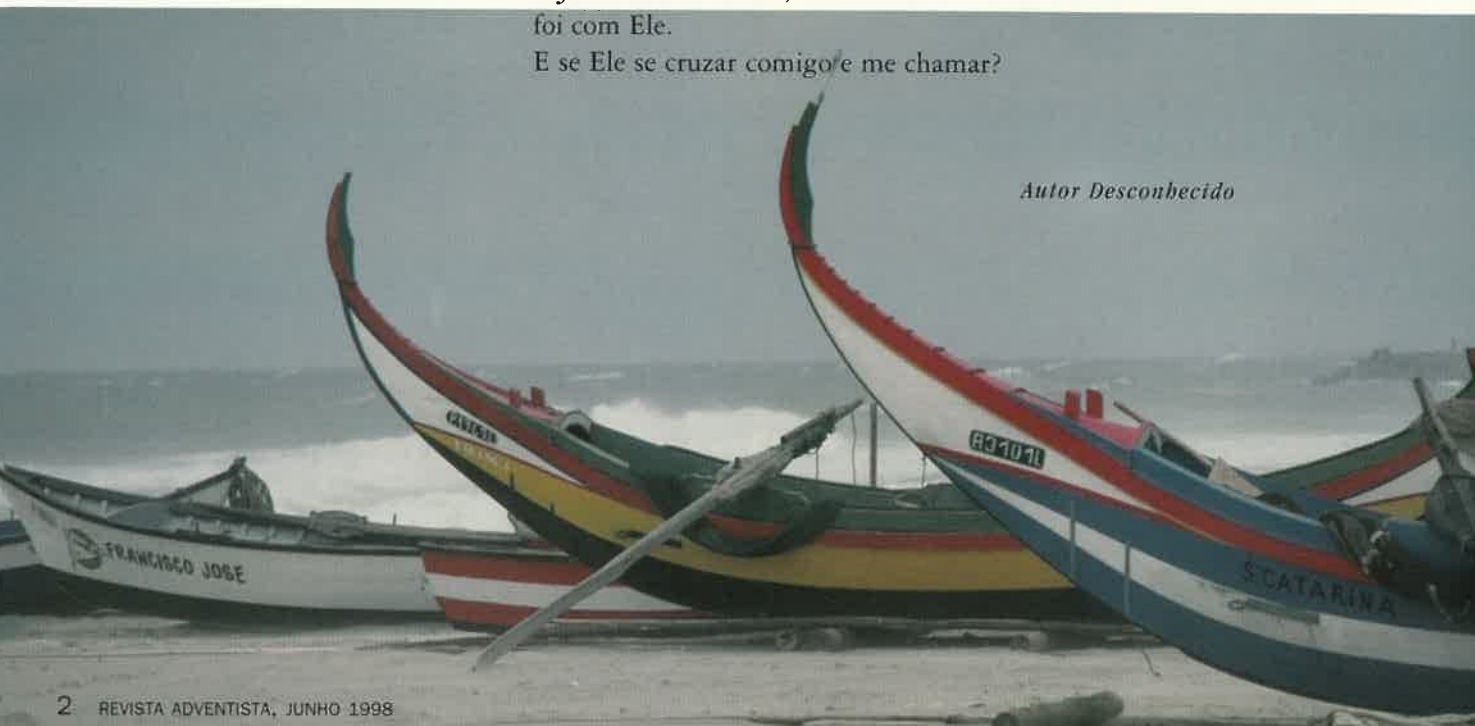
Quando
Deus Está
Silencioso

Posição Da Igreja
Adventista
Sobre a Eutanásia

E se Ele...?

Caminhando ao longo do mar da Galiléia,
viu Ele Simão e André
que lançavam as redes ao mar,
pois eram pescadores.
E Jesus lhes disse:
“Vinde comigo e farei de vós
pescadores de homens!”
E logo deixando as redes,
eles O seguiram.
Um pouco mais além, viu Tiago e João
que estavam a remendar as redes
e chamou-os.
E eles, deixando o pai na barca,
foram com Ele.
Um pouco mais aquém viu Xavier,
que era um estudante ambicioso
e queria ser professor
na Universidade de Paris
e chamou-o.
E ele, deixando os livros e os amigos
seguiu-O até à Índia e ao Japão.
Ainda há pouco viu o José
que estava empregado e ganhava muito bem
e chamou-o.
E José deixando tudo,
foi com Ele.
E se Ele se cruzar comigo e me chamar?

Autor Desconhecido





“Quero dar os parabéns a toda a equipa da produção da Revista Adventista. Finalmente temos uma Revista com um aspecto atraente, que dá gosto folhear e parar para ler.

Tinha uma crítica a fazer, mas neste número de Março ficou anulada. Tratava-se do pouco espaço para as notícias.”

— J.Carlos Cidra

N.R. *Agradecemos as palavras de estímulo. Estamos a procurar fazer o melhor com a ajuda de Deus e para Sua honra. Quanto às notícias, debatemos-nos, muitas vezes, com o facto de recebermos poucas notícias das Igrejas. Aproveitamos a oportunidade, para pedir aos pastores e/ou secretários das igrejas, que não deixem de enviar as notícias do que for ocorrendo nas vossas igrejas e prometemos que publicaremos o que vier e que se enquadre, como é evidente, dentro do espírito da Revista. Por vezes teremos de fazer algumas alterações, não ao conteúdo da notícia, mas à sua forma, por uma questão de enquadramento ou de espaço.*

Do nosso irmão João Francisco Gavinho dos Santos, da Igreja de Viana do Castelo, recebemos uma poesia em forma de glosa, com o título “Adventista” e que tem como mote:

*Um dia Jesus virá
P'ra levar todos os Seus.
E connosco habitará
Nas belas mansões de Deus.*

Por falta de espaço, transcrevemos apenas o seguinte trecho:

*Ser adventista é praticar
O que a Bíblia nos ensina,
Qual lanterna que ilumina
O “caminho” a palmilhar.
Ser adventista é trabalhar
Sem erguer os vários “eus”,
É cumprir “ordens” dos Céus,
Porque um dia Jesus Senhor
Descerá com esplendor,
P'ra levar todos os Seus.*

Agradecemos ao nosso irmão a sua amabilidade em enviar este seu trabalho, colaborando assim com a Revista Adventista.

ÍNDICE

5 As Excepcionais Boas Notícias

*Para sermos curados da
enfermidade que está na
origem de todas as outras,
não existe nem tão pouco
virá a existir, qualquer
outro medicamento a não ser
o sangue de Cristo.*

6 Olhando para Jesus

*...Cujo o brilho da Sua face
pode iluminar as nossas
trevas...*

12 Quando Deus Está Silencioso

*E é esta a certeza que a fé
nos dá, e que nos leva a
entender que as nossas
orações... são na realidade
conversas no pleno sentido da
palavra.*

22 Posição da Igreja Adventista Sobre a Eutanásia

*Opõem-se à eutanásia acti-
va, ao tirar intencional-
mente a vida a uma pessoa
sofredora ou moribunda.*

31 Amigo que Nunca Falha

*O Senhor é um Deus pessoal,
presente, amoroso, fortalece-
dor.*

Revista ADVENTISTA

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A **Revista Adventista** (ISSN 0873-9005), Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora Atlântico, S.A.

Director: Mário Brito

Coordenador Editorial: Eduardo Graça

Chefe de Redacção: Maria Augusta Lopes

Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira, Ezequiel Quintino e Maria Antónia Fonseca Santos

Programação Visual: Eunice Ferreira

Diagramação: Raquel Monteiro

Ilustradoras: Eunice Ferreira, Marta Rodrigues, Sara Raposo e Ruth Varela

Colaboradores Especiais: José C. Costa, José Eduardo Teixeira, Paulo Mendes, Rogério Nóbrega

São bem-vindos todos os manuscritos mesmo os não solicitados e cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso.

E-mail: Internet: parlantico@mail.telepac.pt; Comuserve 74532.2443

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

Sede: R. N.º S.º da Piedade

Sabugo - 2715 Almagem do Bispo

Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626201

Conselho de Administração:

Mário Brito, José Eduardo Teixeira e Paulo Mendes

Director: Joaquim Sabino

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Maria Rosa Silva Santos

R. N.º S.º da Piedade

Sabugo - 2715 Almagem do Bispo

Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202

Expedição e Armazém:

R. N.º S.º da Piedade

Sabugo - 2715 Almagem do Bispo

Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202

Fotolito: Departamento Criativo da Publicadora Atlântico

Impressão e Acabamento: Santos & Cosra, Lda.

Pedreiras - 2480 Porto de Mós

Tiragem: 2.000 exemplares

Depósito Legal N.º 1834/83

Preços:

Assinatura Anual 1.600\$00

Número Avulso 160\$00

ANO LVIII — N.º 613

JUNHO 1998



OPERAÇÃO INTERCESSÃO - 2º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Italiana
População: 58.300.000
Igrejas: 88
Membros: 5.256
3. Pelo Trabalho de Publicações na DEA (Divisão Euro-Africana)

OPERAÇÃO INTERCESSÃO - 3º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Franco-Belga
População: 68.743.000
Igrejas: 139
Membros: 11.028
3. Pela Universidade Adventista do Salève

ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE JOVENS DO MÊS DE JULHO

Acampamento Nacional de Tições na Costa de Lavos	18-28
Partida do 1º Grupo do Projecto Humanitário	2ª Quinzena
Acampamento Nacional de Companheiros e Seniores	29-09/08

OFERTAS E DIAS ESPECIAIS DO MÊS DE JULHO

Oferta para os Invisuais 11

COME TO NEWBOLD

Cursos de Língua Inglesa
Cursos de Verão
25 de Junho – 22 de Julho de 1998
Período do Outono
21 de Setembro – 3 de Dezembro de 1998
Período do Inverno
4 de Janeiro – 12 de Março de 1999
Período da Primavera
6 de Abril – 13 de Junho de 1999

Vem a Newbold

Se estiver interessado escreva para: **Director of Admissions, ATTN.SOE98/99, Newbold College, Bracknell, Berks RG42 4NA, England**
Tel: +44 1344 454607 Fax: +44 861692
email: admissions@newbold.co.uk

As Excepcionais Boas Notícias



Num mundo em que as boas notícias são cada vez mais escassas, certamente que foi para todos nós motivo de regozijo ouvir, há poucos dias, os órgãos de comunicação social noticiarem que após mais de duas décadas de aturada investigação, um laboratório farmacêutico norte-americano descobriu um composto químico que se provou eficaz na cura de cancros em ratos utilizados nos testes laboratoriais. Todos estão convencidos que ainda há um longo caminho a percorrer até se poder ter a certeza da eficácia do referido fármaco quando aplicado aos seres humanos. Contudo, só pela expectativa dos resultados futuros, as acções do referido consórcio farmacêutico subiram vertiginosamente.

Poderíamos falar do muito que anualmente, quer empresas privadas, quer equipas de investigação apoiadas directamente pelos países mais desenvolvidos, investem na pesquisa de soluções que respondam às sérias ameaças em que se constituem algumas das enfermidades que nos afligem.

Se o tempo, a perseverante investigação e os abundantes recursos económicos disponíveis acabam por, mais cedo ou mais tarde, trazer alguns resultados a nível das doenças psicossomáticas, já não poderemos dizer o mesmo em relação à “doença” da qual derivam todas as outras – o pecado.

Adão foi bem advertido de que no dia em que ele transgredisse a expressa ordem de não comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, certamente morreria. Efectivamente os efeitos da transgressão não se fizeram esperar!

Ainda hoje, não existe qualquer solução para o problema da morte, a não ser a que foi provida por Deus e anunciada a Adão logo após a sua transgressão – “a semente da mulher” (Gén.3:15), Jesus Cristo, Deus feito homem. Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29). Aquele que nos ama “e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados” (Apoc. 1:5).

Para sermos curados da enfermidade que está na origem de todas as outras, não existe nem tão pouco virá a existir, qualquer outro medicamento a não ser o sangue de Cristo.

Mesmo antes de ter sido criado o homem, nas cortes celestiais, uma solução para o problema do pecado, fora já prevista.

Não precisamos de esperar muito tempo, nem tão pouco gastar um único centavo para que nos seja possível usufruir do medicamento que, ao longo dos séculos, tem estado à disposição de todo o filho ou filha de Adão, e que nos cura da mais terrível e devastadora de todas as doenças.

Não será que esta excepcionalmente boa notícia seja motivo para que todos nós, os atingidos pela mortal enfermidade do pecado, nos regozijemos? Afinal há cura para a mais dramática de todas as moléstias!

Certifique-se, prezado leitor, de que já está devidamente medicado!

Mário Brito



Pr. Mário Brito
Presidente da União
Portuguesa dos
Adventistas do
Sétimo Dia

Olhando para Jesus

*“Olhando para Jesus, Autor
e Consumador da fé,
O qual pelo gozo que Lhe
estava proposto,
suportou a cruz,
desprezando a afronta,
e assentou-Se para sempre
à dextra do trono de Deus.”
Hebreus 12:2*



São apenas três palavras mas contêm todo o segredo da vida: “Olhando para Jesus”.

“*Olhando para Jesus*” através das Escrituras para saber o que Ele é, o que Ele tem feito, o que Ele dá, o que Ele pede para encontrar, no Seu carácter o nosso modelo, nos Seus ensinamentos a nossa instrução, nos Seus preceitos a nossa Lei, nas Suas promessas o nosso apoio, na Sua pessoa e na Sua obra a plena satisfação para os anseios da nossa alma.

“*Olhando para Jesus*” crucificado, para encontrar no Seu sangue derramado o nosso resgate, o nosso perdão, a nossa paz.

“*Olhando para Jesus*” elevado ao Céu, para encontrar n’Ele a única justiça que nos pode justificar e, através do qual, por mais imerecedores que sejamos, nos poderemos aproximar, com toda a confiança no Seu nome, d’Aquele que é o Seu Pai e nosso Pai, Seu Deus e nosso Deus.

“*Olhando para Jesus*” glorificado, para encontrar n’Ele o nosso Advogado, realizando, através da Sua intercessão, a graciosa obra da nossa salvação, comparecendo sempre na presença de Deus por nós e suprimindo a imperfeição das nossas orações pelo poder daquelas que o Pai sempre ouve.

“*Olhando para Jesus*” como nos é revelado pelo Espírito Santo, para encontrar, na constante comunhão com Ele, a purificação dos nossos corações manchados de pecado, a iluminação das nossas mentes entenebrecidas, a transformação dos nossos pervertidos desejos, a fim de podermos triunfar sobre o mundo e sobre o pecado, resistindo à sua violência através de Jesus, nossa força, vencendo os seus ardis através de Jesus, nossa sabedoria, defendidos pela simpatia de Jesus que em tudo foi tentado e pela ajuda de Jesus que resistiu e venceu.

“*Olhando para Jesus*” através de Quem podemos receber o trabalho e a cruz de cada dia, com graça que é suficiente para levar essa cruz e realizar a obra; paciência através da Sua paciência; acção pela Sua actividade; amando com o Seu amor; não perguntando “o que posso fazer?” mas, “o que não pode Ele fazer?”, contando com a Sua força, a qual se aperfeiçoa na fraqueza.

“*Olhando para Jesus*” cujo brilho da Sua face pode iluminar as nossas trevas, santificar a nossa alegria e subjugar ou aliviar os nossos pesares; que pode humilhar-nos para nos exaltar no momento próprio; afligir-nos para nos confortar de seguida; despir-nos da nossa justiça para nos cobrir com a Sua; ensinar-nos como orar e responder às nossas orações de maneira que, enquanto nos encontramos no mundo, não sejamos do mundo, estando a nossa vida escondida com Ele em Deus, e as nossas palavras testemunhando d’Ele diante dos homens.

“*Olhando para Jesus*” que voltou à casa do Seu Pai para nos preparar um lugar, cuja bem-aventurada esperança nos dá coragem para viver sem murmuração, para morrer sem sentir qualquer pesar quando chegar o dia de enfrentar o último inimigo que Ele venceu por nós, e que nós venceremos através d’Ele.

“*Olhando para Jesus*” que dá o arrependimento assim como a remissão dos pecados para receber d’Ele um coração que sente os Seus desejos e clama por graça a Seus pés.

“*Olhando para Jesus*” que nos ensina a olhar para Ele que é o Autor e Objecto da nossa fé e que pode guardar-nos nesta fé

da qual Ele é também o Consumador.

“*Olhando para Jesus*” e não para outro, como diz o nosso texto, numa palavra que se não pode traduzir, mas que vem até nós com o intuito de nos ajudar a fixar os nossos olhos n’Ele, desviando-os de tudo quanto se ache ao nosso redor.

“*Olhando para Jesus*” e não para nós mesmos, para os nossos pensamentos, para os nossos desejos, para os nossos planos; para Jesus e não para o mundo, para os seus atractivos, para os seus exemplos, para as suas máximas, para as suas opiniões; para Jesus e não para Satanás, ainda que ele tente amedrontar-nos com o seu furor ou seduzir-nos com a sua lisonja. Oh! Quantas questões inúteis, quantos escrúpulos inquietantes, quantos compromissos perigosos com o mal, quantos pensamentos distraídos, quantos sonhos vão, quantos desapontamentos amargos, quantas

*...cujo brilho
da sua face
pode iluminar
as nossas
trevas...*

lutas dolorosas, quantas apostasias se poderiam evitar se olhássemos para Jesus e O seguíssemos por todo o caminho por onde Ele nos conduz, sem olharmos para outro lado, nunca desviando o nosso olhar do objectivo que Ele nos propõe.

“Olhando para Jesus” e não para os nossos irmãos; nem mesmo para aqueles que nos parecem os melhores ou que nos são mais queridos. Se seguirmos um homem corremos o risco de perdermos o caminho; mas se seguirmos Jesus, podemos estar certos de que nunca nos perderemos. Além disso, pondo um homem entre Cristo e nós, acontece que, imperceptivelmente, o homem cresce aos nossos olhos, enquanto Cristo diminui; e em breve, não saberemos como encontrar Cristo sem encontrar o homem. E se este falhar, tudo estará perdido. Mas se ao contrário, Jesus permanecer entre nós e os nossos mais caros amigos, a nossa ligação com eles será menos directa mas, ao mesmo tempo, mais doce; menos apaixonante, mas mais pura; menos necessária, mas mais útil.

“Olhando para Jesus” e não para os obstáculos que encontramos no caminho. Desde o momento em que paramos para os considerar, eles nos assustarão e nos enervarão e nos lançarão por terra, incapazes como somos de compreender quer a razão pela qual eles foram permitidos, quer os meios pelos quais podemos vencê-los. O apóstolo começou a naufragar, quando começou a olhar para as ondas tumultuosas. Mas logo que se voltou para fixar os seus olhos em Jesus, pode caminhar sobre as ondas como sobre uma rocha. Quanto mais difícil e pesada for a nossa cruz, maiores vantagens há em olhar somente para Jesus.

“Olhando para Jesus” e não para as bênçãos temporais que desfrutamos. Olhando primeiro para estas bênçãos, corremos o risco de sermos tão amarrados por elas, que somos impedidos de ver Aquele que as dá. Quando olhamos primeiro para Jesus recebemos todas as bênçãos como vindas d’Ele. Foram escolhidas pela Sua sabedoria, dadas pelo Seu amor, mil vezes mais preciosas porque são recebidas da Sua mão, para serem usufruídas em comunhão com Ele e usadas para Sua glória.

“Olhando para Jesus” e não para a nossa força, com a qual apenas podemos glorificar-nos a nós mesmos. Para glorificar a Deus necessitamos da força de Deus.

“Olhando para Jesus” e não para a nossa fraqueza. Alguma vez nos tornaremos fortes lamentando-nos das nossas fraquezas? Mas se olharmos para Jesus, a Sua força fortalecerá os nossos corações e romperemos em cânticos de louvor.

“Olhando para Jesus” e não para os nossos pecados. A contemplação do pecado apenas traz a morte. A contemplação de Jesus produz vida. Não era pela contemplação das suas feridas provocadas pelas serpentes ardentes, que os israelitas eram curados.

“Olhando para Jesus” e não para a lei. A lei dá-nos os seus preceitos, mas não nos dá a força necessária para lhes obedecer. A lei condena sempre e nunca perdoo. Na medida em que fizemos da obediência o meio da nossa salvação, perderemos, nessa mesma medida, a nossa paz, a nossa força, a nossa alegria, porque esquecemos que *“Cristo é o fim da lei, para justiça de todo aquele que crê”* (Rom.10:4) Tão depressa a lei nos constanja a buscar a salvação unicamente em Cristo, a obediência, que exige nada menos que o nosso coração completo, os nossos pensamentos mais

secretos, não constituirá um jugo de ferro, um peso insuportável, e será menos uma consequência da nossa salvação, do que uma parte da mesma e, como tudo o mais, constituirá o dom da graça livre.

“Olhando para Jesus” e não para o que estamos a fazer para Ele. Se damos muita importância ao que estamos a fazer, podemos esquecer o nosso Mestre; podemos ter as nossas mãos cheias, mas os nossos corações vazios. Mas se olharmos de contínuo para Jesus, não esqueceremos o nosso trabalho; se os nossos corações estiverem cheios do Seu amor, as nossas mãos estarão activas no Seu serviço.

“Olhando para Jesus” e não para o aparente sucesso dos nossos esforços. O sucesso aparente não é sempre a medida do sucesso real; e além disso, Deus não nos manda ter sucesso, mas trabalhar. Temos a tendência de afrouxar o nosso zelo quando contemplamos os nossos feitos, quando

*Não somos
fortalecidos
por contemplar
a nossa fé, mas
por olharmos
para Jesus.*

deveria ser o contrário. Olhar para o nosso sucesso é caminhar pela vista; olhar para Jesus e perseverar em seguir-O a despeito de todos os desânimos, é caminhar pela fé.

“Olhando para Jesus” e não para as graças que temos recebido, ou estamos agora a receber d’Ele. A graça de ontem foi concedida com a actividade de ontem. Não a podemos usar para além desse tempo; não devemos falar disso por mais tempo, assim como a graça do dia de hoje nos é confiada não para ser contemplada mas para ser usada; não para fazer gala, para parecermos ricos, mas para ser empregue imediatamente. Só assim podemos, na nossa pobreza, olhar para Jesus.

“Olhando para Jesus” e não para os profundos temores que sentimos pelos nossos pecados, ou para o grau de humildade que eles produzam em nós. Se eles nos humilham, não podemos ter prazer em nós mesmos; se eles nos abatem, então devemos olhar para Jesus que nos pode livrar deles, que é tudo o que Ele requer de nós. E é olhando para Ele que, acima de tudo, Ele faz com que as nossas lágrimas corram e o nosso orgulho se desvança.

“Olhando para Jesus” e não para a intensidade da nossa alegria ou para o fervor do nosso amor. Desconfiemos das emoções religiosas. O

que importa é que sejamos sempre abundantes na obra do Senhor, olhando constantemente, não para os caprichos do nosso coração, mas para Jesus que “é o mesmo ontem, hoje e eternamente”.

“Olhando para Jesus” e não para a nossa fé. O último engano de Satanás, quando ele consegue fazer sair do caminho, é levar-nos a desviar os olhos de Jesus para olharmos para a nossa fé e, assim, perdermos a coragem se ela é fraca, e envaidecermo-nos se ela é forte. Em qual-

quer dos casos, ela enfraquece-se. Porque não é a nossa fé que nos faz fortes, mas é Jesus através da fé. Não somos fortalecidos por contemplar a nossa fé, mas por olharmos para Jesus.

“Olhando para Jesus” porque é d’Ele e n’Ele que aprendemos a conhecer o mundo e a nós próprios: a nossa miséria, os perigos, assim como as possibilidades de vitória. Tudo o que for bom para nos ajudar a conhecer Jesus, Ele no-lo ensinará. Mas tudo o que Ele nos não ensinar, é melhor para nós não conhecermos.

“Olhando para Jesus” durante todo o tempo que Ele nos concede aqui na Terra. Olhando para Jesus sempre e cada vez mais, não

permitindo que a lembrança do passado de que conhecemos tão pouco, ou os cuidados de um futuro desconhecido, distraiam os nossos pensamentos. Para Jesus agora, se nunca olhámos para Ele. Para Jesus de novo, se alguma vez deixámos de o fazer. Para Jesus sempre, com um olhar mais fixo e constante, “transformados na mesma imagem de glória em glória”. Só então poderemos aguardar a hora em que Ele nos chamará para passar deste mundo para o Céu, do tempo para a eternidade, essa hora prometida e feliz, quando formos finalmente, “como Ele é, porque assim como é O veremos”. ■



Artigo publicado em 1890 da autoria de:

Theodore Monod
Pastor evangélico

O Retorno do Astronauta



RAFAEL DA FONSECA

Quem se recordar sabe que um dos maiores acontecimentos da História foi quando em 1969, o homem, com apenas alguns segundos de atraso, pisou pela primeira vez a Lua.

Todo o mundo o viu estupefacto através dos ecrãs da televisão. E hoje já quase não é novidade quando naves espaciais entram em órbita, subindo bem alto e longe.

Mas, quanto a mim, o maior acontecimento de sempre foi quando o astronauta divino – Cristo – privando-Se do que era Seu, entrou na nossa órbita e desceu, não para ir à Lua, mas na nossa Terra na forma de uma criança, tornando-Se igual aos homens, na condição de escravo, isto num mundo de tirania e de vingança, quando o férreo império romano regia o mundo inteiro sem

piedade, ou compaixão. E poderemos imaginar como os habitantes dos outros mundos estavam também sintonizados quando Aquele astronauta do Céu, sem o atraso de um segundo, pisou a Terra, para O acompanharem no Seu drama, no Seu nascimento, na Sua infância, na Sua adolescência e depois no Seu ministério. E, com grande excitação nos Paços celestes, aguardaram o Seu regresso como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ao subir, foi para o Seu reino de glória, como um missionário que abandonara o seu campo de trabalho e voltara à sua terra com a missão cumprida!

Contudo, o momento mais excitante quanto Àquele astronauta, será a Sua volta à Terra. Assim como todo o Universo se regozijou com o retorno do seu Rei, nós, aqui, os habitantes da Terra nos regozijaremos quando Ele pela

segunda vez voltar, para receber os Seus e os levar consigo a visitar mundos celestiais. Repare-se como também isto era já falado há milénios atrás. Só o Novo Testamento menciona esse retorno quase 320 vezes. E um dos Evangelhos refere-se ao antediluviano Enoque, o sétimo depois de Adão, como tendo já, há mais de 5.000 anos, visões acerca da Segunda Vinda de Cristo (Judas 14).

Não se trata aqui de uma vinda invisível, ou apenas para alguns! No livro da Revelação de Deus aos Seus servos do que havia de acontecer brevemente, o Apocalipse, o apóstolo João escreveu: *“Eis que vem com as nuvens do céu e todo o olho O verá, até mesmo aqueles que O traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão por causa d’Ele!”*

Apoc. 1:7

Na ida do homem à Lua, um dos momentos de maior emoção foi aquele em que os astronautas voltaram à Terra. O mundo inteiro observava atónito, através da televisão, cada fase daquele voo de regresso, até que chegou o momento em que não havia mais contacto com os astronautas. Grandes terão sido as dificuldades ao entrarem na nossa atmosfera, até que começámos a vislumbrar, enfim, um minúsculo objecto no espaço, tornando-se cada vez maior, descendo depois em pára-quedas no oceano.

Poderemos dizer, assim, que todo o olho contemplou essas grandes façanhas, tornando-se compreensíveis as palavras do apóstolo quando diz: *“Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim também será a vinda do Filho do homem”*. (Mat. 24:27)

Sabemos agora que as cápsulas espaciais percorrem os céus e dão a volta à Terra, em apenas 87 minutos. Mas Jesus tem muito mais poder, e poderá ser visto ainda com maior rapidez. Diz-nos a Escritura que todo o homem O verá na Sua segunda vinda, ao contrário do que aconteceu com a primeira, sendo visto apenas por alguns. As 300

profecias do Antigo Testamento que se cumpriram, revelaram a maneira humilde como o Astronauta divino chegaria à Terra. Mas, desta segunda vez, Ele virá com grande poder e glória, pois *“Ele enviará os Seus anjos com grande clamor de trombeta!”* (Mat. 24:31)

Contemplamos grandes espectáculos de televisão, como a abertura e encerramento das Olimpíadas, os campeonatos de futebol, etc., e ficamos maravilhados com a propaganda, a música, o colorido e o número de participantes. Pensemos no tempo que se perdeu, no alto custo do treino que foi preciso para tudo isso! Mas pensemos, também, no que neste momento já deve estar a ser feito no Céu para a volta de Jesus, numa altura em que já não

há grandes possibilidades de sobrevivência nesta Terra. Os cientistas já o proclamam aos quatro ventos, pois como Jesus aconselhava: aprendamos a parábola da figueira. *“Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o Verão. Igualmente quando verdes todas estas coisas (Jesus estava aqui a referir-Se aos sinais dos tempos), sabeis que Ele (o próprio Cristo) está próximo!”* (Mat. 24:32, 33)

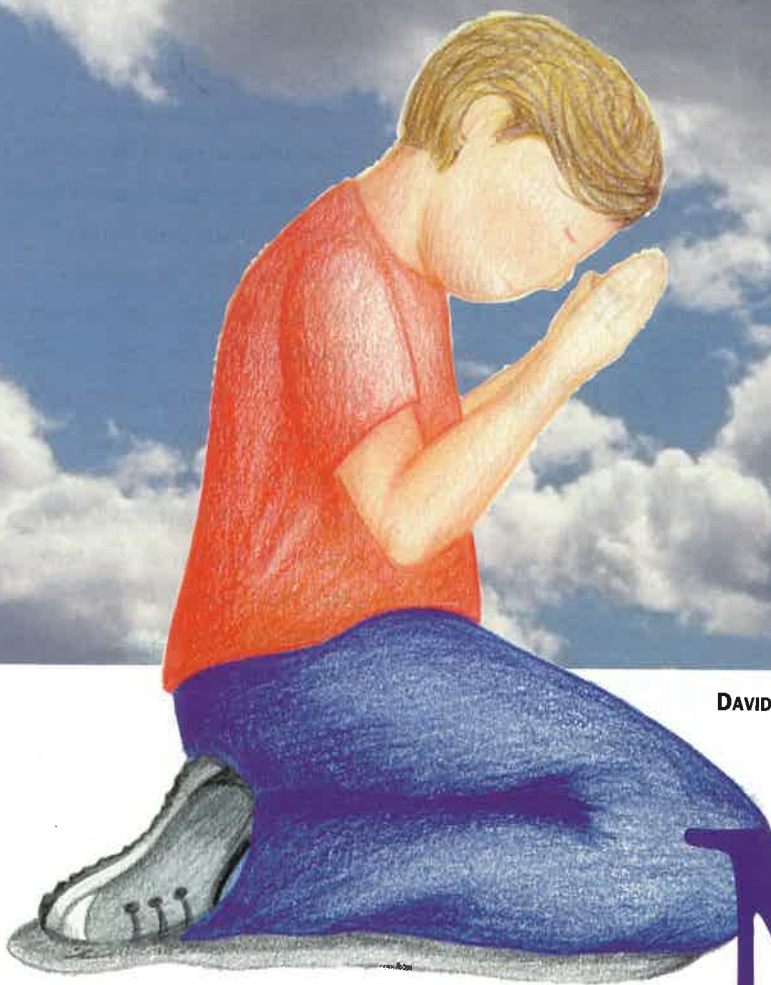
A vinda de Jesus à Terra será pois o maior espectáculo do mundo, algo nunca visto por seres humanos! Não quero perder aquele grande dia e estar com os meus olhos bem abertos para contemplar

a glória e a majestade do Filho de Deus! E vós? ■

A vinda de Jesus à Terra será pois o maior espectáculo do mundo...

*Rafael da Fonseca
Professor do Ensino Secundário e
membro da Igreja de Coimbra*

Quando Deus Está Silencioso



DAVID STURTEVANT

N

ão. Não há muitas pessoas que gostem de um monólogo. No entanto estes não são raros: os professores têm-nos com os seus alunos, os maridos com as mulheres. E muitos de nós temos aquilo que parece ser um monólogo com Deus.



Como é que se sente quando a Pessoa mais importante do Universo não lhe responde?

Nessas ocasiões, Deus parece estar tão longe que não temos bem a certeza de que Ele ouve as nossas perguntas, quanto mais que nos responda.

A Bíblia, tal como as nossas vidas, está cheia do que parecem ser conversas unilaterais com Deus. Encontramos exemplos no livro de Job e nos Salmos. O Salmo 44, em particular, ressoa com as marcas de um monólogo. Uma conversa em cinco partes, é Israel quem fala; Deus está sempre silencioso.

Mas Deus não é um aluno ou um marido. Nem o Seu silêncio é equivalente ao deles. É por isso que eu creio que o Salmo 44 é uma conversa completa, contendo uma resposta e uma resolução.

A conversa começa com uma introdução (versos 1-3) – o povo veio a Deus, explicando como tinha tido conhecimento do Seu nome. Estes versos também estabelecem a distância e o silêncio:

“Ó Deus, nós ouvimos com os nossos ouvidos, e nossos pais nos têm contado, os feitos que realizaste em seus dias, nos tempos da antiguidade” (v. 1).

Foi por intermédio de pessoas que Israel ouviu falar de Deus; Deus parecia estar silencioso e distante. Com os seus ouvidos ouviram a história contada por pessoas que entretanto morreram. E como apenas vemos o presente e ouvimos falar do passado, o que ouvimos com os nossos ouvidos está, muitas vezes, muito longe. Estamos, necessariamente, mais perto daquilo que vemos, mas podemos estar a uma eternidade de distância em tempo e espaço daquilo que ouvimos. O silêncio de Deus, sentido em termos de distância de tempo e espaço, é um tema que corre do primeiro ao último versículo do salmo.

Mas com o silêncio de Deus vem a fé do povo. A primeira parte é a que é mais claramente poética de todas as secções, e a sua linguagem rítmica sugere confiança

nesse Deus que fez tanto pelos antepassados. Ele “*expeliu*” (v.2) as outras nações, mas “*plantou-os*” (v. 2) a eles. Afligiu as outras nações, mas, a eles, libertou-os. Agradou-Se deles e abençoou-os com a luz da Sua face.

Há muita esperança na primeira parte do salmo; o povo está a conversar e sente-se confortável ao fazê-lo. Como Deus foi bom para com os seus antepassados, não vê qualquer razão para não Lhe ser fiel.

Na verdade, conforme a conversa vai prosseguindo, na segunda parte (v. 4-8) eles juram fidelidade.

“Tu és o meu Rei, ó Deus, ó Deus; . . .”(v. 4)

Por Ti venceremos os nossos inimigos: . . .”(v. 5)

Em Deus nos gloriamos todo o dia e louvamos o teu nome eternamente.” (v. 8)

Mas a fidelidade é o ponto a que o povo pode levar esta conversa. Apresentaram-se respeitosamente e com confiança mencionaram todos os feitos de Deus no passado com os seus antepassados a quem estão ligados, e juraram ser fiéis e dar graças ao nome de Deus eternamente. Não há mais nada para dizer. Tudo o que podem fazer agora, é esperar pela resposta de Deus.

Mas Deus não responde. Não faz por eles o que fez pelos seus antepassados, e eles zangam-se.

A terceira parte (v. 9-16) mostra a ira do povo. Aqui não há demonstrações ou afirmações de confiança. Em vez disso encontramos acusações e denúncias em frases curtas mas incisivas.

“Tu nos fizeste retirar do inimigo, ...”(v. 10)

Tu nos entregaste como ovelhas para comer; (v. 11)... Tu vendes por nada o teu povo e não aumentas a Tua riqueza com o seu preço” (v. 12).

Na verdade, acusam-n’O de fazer com eles exactamente o contrário do bem que tinha feito aos seus

antepassados. E, realmente, toda a secção é o contrário da jura que Israel tinha feito no início do salmo de “*louvar o teu nome eternamente*” (v. 8). Está claro que o povo se sente traído. Juraram fidelidade a Deus eternamente, e nem tinham a certeza que Deus os tivesse ouvido.

Na continuação da conversa há uma pausa. O povo parece acalmar-se. Na quarta secção (v. 17-22), reclamam a sua inocência. Não se esqueceram de Deus, não quebraram a Sua lei, nem Lhe viraram as costas. No entanto, numa linguagem que lembra a de Job, dizem: “*nos quebrantaste num lugar de dragões e nos cobriste com a sombra da morte*” (v. 19). O tom da conversa mudou. Não é um

preâmbulo caloroso, nem uma jura de fidelidade ou mesmo uma lista de acusações. Em vez disso é o princípio de uma lista de perguntas.

Essas perguntas encontram-se na quinta secção (v. 23-26). Aqui o povo quer saber porquê: “*Por que dormes, Senhor?*” (v. 23) “*Por que escondes a tua face?*” e “*Por que te esqueces da nossa miséria e da nossa opressão?*” (v. 24)

Enquanto o tom da primeira parte era de confiança e esperança, o tom aqui é de alguém que está triste porque

se sente como que traído.

Estas perguntas foram feitas depois da jura de fidelidade. Não são perguntas de mera curiosidade, mas emergem do fundo do coração, brotando de esperanças não concretizadas. E são, acima de tudo, sinais de uma conversa unilateral. Uma pessoa adormecida não conversa, alguém que esconde a cara não conversa, e quem se esquece não conversa. Todas as acusações implícitas nestas perguntas demonstram que se está bem desperto.

Em vez de uma resposta audível Ele dá-lhes, por assim, dizer o Seu silêncio.

Não obstante as perguntas angustiadas, o povo não ouviu Deus responder. Em vez de uma resposta audível, Ele dá-lhes, por assim dizer, o Seu silêncio.

E é só na quinta parte que eles se dão conta de que esse mesmo silêncio é uma dádiva. Nesta secção há aceitação. O silêncio de Deus é a Sua resposta; por isso, em boa verdade, a conversa está completa. Deus não é seu antepassado; Deus não é seu professor; Deus não é seu esposo. Deus é, enfim, Deus e apenas Deus. As regras de uma conversa entre humanos não se Lhe aplicam; e as regras que se aplicam não nos são totalmente conhecidas. As perguntas não funcionam, o que não quer dizer que não vale a pena perguntar. A aceitação é tudo, pois Deus é Deus, e a maneira como actua é um mistério. E no fim do salmo, ressalta a ideia de que o povo finalmente compreende que Deus o ama, porque apesar das suas acusações, ainda existe esperança; a humanidade pode apelar à natureza de Deus, que é amor. E é isso que o povo faz nos dois últimos versículos do salmo:

“Pois a nossa alma está abatida até ao pó; o nosso corpo curvado até ao chão.

Levanta-Te em nosso auxílio e resgata-nos, por amor das Tuas misericórdias.” (v. 25, 26)

O salmo não termina com uma pergunta; termina com isto: o reconhecimento de que Deus é Deus, com formas de actuar desconhecidas para toda a humanidade e a solução de que, não obstante tudo isso, Deus é amor. Estamos no fundo perante uma conversa. E esta é completa, porque no seu âmago é, uma afirmação de confiança e de esperança.

Deus em vez de responder de forma audível, leva o povo a ver o que Ele é, a recordar a Sua acção e a enten-

der como o autor do salmo 77, que essa revolta que sentia, era antes esquecimento da Sua forma de agir no passado: *“E eu disse: isto é enfermidade minha, e logo me lembrei dos anos da dextra do Altíssimo”* (Sal. 77:10).

Encontramos aqui uma expressão semelhante à de Job quando, no meio da sua enorme angústia, demonstra uma confiança absoluta em Deus, quando nada justificava essa confiança, e disse: *“Ab se eu soubesse que O poderia achar! Então me acbergaria ao Seu tribunal. Com boa ordem exporia ante Ele a minha causa, e a minha boca encheria de argumentos. Saberia as palavras com que Ele me responderia e entenderia o que dissesse.”* (Job 23:3-5)

E é esta certeza que a fé nos dá, e que nos leva a entender que as nossas orações, apesar de aparentes monólogos, são na realidade conversas no pleno sentido da palavra. Mas conversas com regras próprias e com respostas que não são necessariamente audíveis, mas, apesar disso, respostas, através das quais Deus nos guia e orienta num caminho de confiança, que fará com que, cada vez mais, nos aproximemos d'Ele e entendamos as Suas respostas às nossas necessi-

dades e angústias, expostas perante um Pai que nos ama e deseja conduzir para onde, um dia, O vejamos face a face, olhos nos olhos e compreendamos então, aquilo que hoje apenas *“vemos por espelho, em enigma”*. (I Cor. 13:12)■

*David Sturtevant
Licenciado em Literatura Criativa pela Universidade de
Emerson, em Boston*

De Que Tamanho

ROBERT S. FOLKENBERG

J. B. Phillips, autor da tradução do N. Testamento em inglês moderno, uma versão de muito sucesso, respondeu à pergunta do nosso título há cerca de 50 anos atrás, no seu pequeno volume *O Teu Deus é Demasiado Pequeno* ⁽¹⁾.

Levou os seus leitores a procurar ver para além da forma, através da qual, normalmente pensavam sobre o seu Pai celestial, incitando-os a procurar reexaminar as suas próprias ideias, para perceberem se não lhes faltaria algo de enriquecedor e satisfatório.

Como o alcance escriturístico das verdades reveladas é tão vasto, temos oportunidades extraordinárias para compreender Deus, para vermos o mundo a partir da Sua perspectiva cósmica.

Temos Jesus. O pai é explicitamente revelado em Jesus. Através de Cristo, Deus criou o mundo. *“Ele é o reflexo da glória de Deus e a imagem perfeita da Sua pessoa. É Ele que sustenta o universo com o poder da Sua palavra”*⁽²⁾. Paulo escreveu: *“Ele é a imagem do Deus invisível”*⁽³⁾. O Pai e o Filho trabalham juntos em íntima harmonia, sendo que o Filho manifesta o Pai em natureza e carácter.

Temos um sólido fundamento na profecia. Embora as profecias lancem uma luz valiosa sobre o significado dos nossos dias, a sua virtude principal não é predizer o futuro. Mais

exactamente, é apresentar-nos o divino Superintendente, que é Quem guia o curso da história humana.

No entanto, Deus dá tanto valor à liberdade de fazer escolhas, que estabeleceu este aspecto da liberdade, como um princípio orientador no relacionamento com as Suas criaturas. Até Lúcifer – e mais tarde Adão e Eva – foi criado com a capacidade de escolher entre estar a favor, ou contra Deus.

Mas a Bíblia assegura-nos que no fim, o Senhor emergirá como Mestre de tudo. *A Sua tolerância para com a nossa liberdade, não nos deve levar a interpretar mal, quem Ele é, ou qual é o Seu objectivo para connosco.* Daniel declarou ao arrogante rei Nabucodonosor que era por decreto do *“Deus Altíssimo”* que ele seria afastado da sociedade humana até *“admitir, finalmente, que o Deus altíssimo domina sobre todos os reinos e os entrega a quem bem Lhe parece”*⁽⁴⁾.

Há um século, o filósofo alemão Nietzche anunciou que Deus estava morto. Por detrás desta afirmação absurda estava a convicção do filósofo de que durante todo este tempo, Deus não tinha estado presente. Para ele, Deus existiu apenas como uma ideia na mente medrosa dos humanos. E tal como crianças em desenvolvimento, que deixam de necessitar do seu cobertor de segurança, podemos, agora, controlar as coisas por nós próprios. Contudo, no século que

é o Seu Deus?

decorreu desde esta declaração de Nietzsche, houve duas guerras que revolucionaram a Terra e, ainda, aquilo que continua a ser um peso esmagador de problemas por resolver.

Ao bebermos, inconscientemente, dessa fonte não bíblica de filosofia, muitos de nós fomos tentados a domesticar Deus, a reservarmos para Ele um do quartos da nossa vida – um quarto nobre, claro. Mostramos o devido respeito com adoração (pelo menos aos Sábados), e somos confrontados com a ideia de que Ele estará sempre presente (como um último recurso). Mas é claro que nós é que estamos sempre no comando das nossas vidas.

Colocada assim, a ideia é chocante, bem sei. Mas se formos verdadeiramente honestos, temos de admitir que parte desta versão é uma meia verdade que nos assombra: queremos mais ansiosamente um Salvador gentil, do que um Senhor poderoso.

Mas será que queremos, realmente, um Deus “encolhido”?

Quando o salmista David olhava, à noite, horas a fio para o céu escuro, sem a poluição das luzes artificiais, talvez pudesse ver 5.000 estrelas cintilantes suspensas no espaço.

Exclamou: *“Quando contemplo os céus, obra das Tuas mãos, e a Lua e as estrelas que Tu criaste, penso: que é o homem mortal para que Te lembres dele?”*¹⁽⁵⁾.

Na Convenção de 1996 da Sociedade Astronómica Americana, foram recebidos os primeiros relatórios do telescópio Hubble, que, em órbita, espreitava o universo sem a obstrução da atmosfera terrestre. Agora temos provas de que existem pelo menos *40 bilhões* de galáxias no universo, com a possibilidade desse número subir para *200 bilhões*.

Deus criou tudo isto; é maravilhoso! Igualmente fantástico é que Ele sustém tudo. Perante os nossos olhos está a evidência irrefutável do Criador e Governador de tudo.

Mas há mais! No meio de tudo isso está a gloriosa realidade de que Ele tem tanto a capacidade como o desejo apaixonado de caminhar connosco, passo a passo, como nosso muito querido Amigo; de ouvir cada um dos nossos ais e de partilhar as nossas alegrias.

Que espécie de Deus é este? O único Deus verdadeiro. Restam algumas dúvidas de que Ele deve ser o Senhor das nossas vidas? ■

1. Editado em português com o título *“O Teu Deus não chega ao Céu”* pela editora: Palavras da Vida
2. Heb. 1:3. Tradução interconfessional.
3. Col. 1:15. Idem.
4. Daniel 4:22. Idem. Na versão Almeida corrente, é o verso 25
5. Salmo 8:4,5. Idem.

Robert S. Folkenberg
Presidente da Conferência Geral
dos Adventistas do Sétimo Dia

Notícias Singulares de S. Jorge

Com a ajuda e a graça de Deus, esta comunidade Adventista que Deus colocou nesta zona da Batalha e Porto de Mós, vai-se desenvolvendo, pregando o Evangelho e colhendo os frutos desse trabalho.

Quando aqui chegámos, encontrámos um grupo de 17 irmãos que fielmente desenvolviam o seu trabalho. Passados dois anos, e feito um esforço para agrupar os membros da igreja que viviam nesta zona e com as visitas

que se foram juntando a nós, temos entre 30 a 35 pessoas que cada Sábado louvam ao Criador.

Mas o que desejamos partilhar com os irmãos é a singularidade dos baptismos feitos nesta igreja. Embora cada nascimento em Cristo seja único, estes têm características particulares.

Comecemos pelo Richard Marto. Ele é um jovem como outro qualquer. Só que é membro de uma das famílias mais conceituadas em Fátima: a família dos pastorinhos que deu origem ao fenómeno de Fátima. Esta conversão é quase notícia de



Esse mesmo trabalho, Ele desenvolveu junto do casal Soares. Durante muitos anos, familiares e pastores trabalharam com este casal e em particular com o irmão Carlos Soares. Também eu tive a oportunidade de, em sua casa, estudar com este casal os tesouros da Bíblia. Mas todo o ser humano tem o seu tempo próprio e o do irmão Soares e a esposa Maria do Rosário, tinha chegado. Tive pois o privilégio de os baptizar. Aqui uma vez mais um facto curioso: o irmão Soares era presbítero da Igreja Evangélica Presbiteriana de Cristo.

Resta-me partilhar um último baptismo: o do irmão Armindo Monteiro Machado que também após um tempo de lutas, deu o coração a Jesus. E como não podia deixar de ser, outro facto interessante: este irmão veio das Testemunhas de Jeová.

Tal como nos primórdios do Adventismo, a Igreja de S. Jorge cresce e desenvolve-se com pessoas de várias confissões, que reconhecem na mensagem Adventista, a mensagem bíblica, e neste povo, o povo especial de Deus para o tempo do fim.

primeira página. Mas acima de tudo é prova de que o Espírito Santo trabalha onde menos esperamos.

*Artur Machado
Pastor da Igreja de Leiria e grupo de S. Jorge*

XLIII Curso de Formação de Colportores Evangelistas

Foi com entusiasmo que iniciámos, no dia 15 de Fevereiro, uma Escola de Colportagem nas novas instalações da Casa Publicadora.

Ali, durante 5 dias tivemos um maravilhoso grupo de participantes que recebeu formação teórica e prática, para iniciar este novo trabalho com sucesso.

Assim a pouco e pouco o Espírito do Senhor vai encaminhando homens e mulheres que preenchem o lugar dos soldados deste exército que vão ficando pelo caminho e engrossando as fileiras daqueles que levarão esta obra até ao fim.

Ao prezado irmão que lê esta notícia, lanço o apelo: se o Espírito do Senhor lhe falar da possibilidade de fazer uma experiência nesta obra, não hesite, contacte o



Departamento de Publicações ou Casa Publicadora para receber mais informações.

Deste grupo fizeram parte os pastores Inoque, de Angola e o pastor Fernando Katique, de Moçambique, que vieram receber formação para iniciarem a obra das Publicações nos seus países.

Este Departamento dará todo o apoio a estes países quer na formação do Departamento de Publicações quer na formação de Colportores.

A todo o grupo que passou por este curso desejo as mais ricas bênçãos do Céu e um êxito constante em ganhar almas para Cristo.

No próximo número apresentaremos os testemunhos de três jovens colportores.

Domingos Freixo

A IGREJA EM ACCÃO

Notícias dos Açores, Cidade da Horta

Semana de Oração de Jovens

Em Março passado, decorreu na Igreja da cidade da Horta, a Semana de Oração dos Jovens, que teve como convidado o irmão Virgílio Faustino que presentemente está a trabalhar como pioneiro, na Ilha de S. Jorge.

Estamos gratos a Deus pelas mensagens recebidas e pela maneira peculiar como o nosso irmão conduziu esta primeira semana de Oração de Jovens nesta Igreja.

Visita do Pastor Mário Brito

De 30 de Março a 1 de Abril, recebemos a visita do Presidente da nossa União, P. Mário Brito, acompanhado pelo P. Enoque Nunes, que se encontra a trabalhar em Angra do Heroísmo, exercendo também, as funções de coordenador do trabalho nos Açores.

Com os nossos irmãos visitámos o Presidente da Câmara da Horta, Dr. Renato Leal, e a Assembleia

Legislativa, onde fomos recebidos pelo chefe do gabinete do Presidente da Assembleia Dr. Luís Prieto, pelo representante da Amnistia Internacional da cidade da Horta e pelo Dr. Guilherme Pinto, secretário da Mesa da Assembleia.

Nestas visitas, o P. Mário Brito deu a conhecer a Missão da Igreja Adventista no mundo.

No dia 30, os TDCS ouviram uma mensagem de encorajamento, que teve como tema o exemplo do apóstolo Paulo.

Igualmente se fizeram planos para o trabalho, com a vinda do P. António Domingues, que se ocupará do trabalho nas ilhas do Faial e do Pico.

Agradecemos a Deus por esta visita e rogamos que orem pelo sucesso do nosso trabalho e pelo 5º Acampamento de Evangelização "Ondas de Amizade" que terá lugar de 8 a 23 de Agosto nestas duas ilhas.

Álvaro Bastos

Moura em Movimento

Moura está em movimento como resultado da estratégia de acção desta igreja para o ano eclesiástico em curso.

Procurámos estabelecer um plano que de forma equilibrada articulasse as diferentes actividades locais, regionais e nacionais, e permitisse que a igreja local fosse mais conhecida, permitindo dessa forma uma melhor integração na sociedade e, conseqüentemente melhorando a sua imagem, possibilitasse maior eficácia evangelizadora.

Os dramáticos acontecimentos de Novembro passado, com as suas devastadoras conseqüências, foram o ponto de partida, através de uma forte Acção Humanitária que se prolongou, acabando por se fundir com a Operação Natal.

A esta iniciativa, só possível na sua dimensão, graças à valiosa ajuda de muitas igrejas de todo o país, juntou-se

um ciclo de programas para formação dos membros que contou com um tema sobre Ciência e Religião no qual colaboraram os departamentos da Escola Sabatina e Ministério Pessoal, assim como o serviço do E. Profecia. Este ciclo encerrou-se com o Encontro Regional de Oficiais de Igreja em Faro.

Seguiu-se outro ciclo, mas agora de relações exteriores, através de uma Semana de encontro com outras confissões religiosas representadas na cidade, que nos deu a oportunidade de melhor nos conhecermos mutuamente e de afirmar as nossas convicções, abrindo possibilidades que têm sido muito úteis.

Seguiu-se uma fase mista de evangelização mais directa, e de acções internas, com a realização de um Plano de Cinco Dias, participação de membros de igreja e visitas, nas comemorações do Dia da Mulher Adventista, a que se seguiu a Semana de Oração dos Jovens com a presença do Pr. José Eduardo Teixeira.

Esta fase contou ainda com um Seminário de Família com o Dr. Daniel Esteves que, talvez por ter sido realizado no Centro Paroquial local, contou com uma presença média superior a 70 pessoas de todos os extractos sociais,

A IGREJA NO MUNDO

Vila Global da ADRA, em Washington, DC

De 19 a 26 de Abril, foi erguida bem no centro da capital federal dos Estados Unidos uma Vila Global pela ADRA que se constituiu na maior apresentação humanitária da Igreja Adventista do Sétimo Dia, até ao presente. Nela procurou-se dar uma perspectiva das realidades do mundo e das suas carências, reproduzindo à escala diversos "habitats" e culturas, com os quais as crianças podiam fazer experiências e aprender algo sobre outras culturas.

A ADRA neste momento actua em mais de 140 países, mas mesmo assim, muitos governantes ao redor do mundo, têm um conhecimento deficiente dos seus esforços.

Foi escolhida esta data, porque é nesta época do ano que muitas pessoas e muitas escolas visitam o Capitólio (a sede do Congresso em Washington D.C.). Calculava-se que no mínimo, cerca de 200.000 pessoas visitariam esta exposição educativa, que tinha como objectivo aumentar a tomada de consciência sobre a vida diária de

milhões de pessoas em países subdesenvolvidos. Os visitantes eram levados a compreender, através de sistemas interactivos, a importância da água potável que é escassa, da vida animal, e dos ambientes próprios de cada povo.

Os visitantes tinham a possibilidade de moer o milho com uma mó manual, e usar o descascador de arroz, enquanto podiam passear pelos ambientes próprios que ali foram recriados.

Por fim os visitantes seriam convidados a colaborar no empacotamento de roupas e outros objectos de uso pessoal que seriam muitos deles enviados para o Haiti.

"O melhor que fiz na vida"

Foram estas as palavras de Daniel Cabero, jovem estudante do quinto ano de Arquitectura na Universidade de Guayaquil no Equador. Trabalha desde as 8:30h até às 16:30h no escritório de Desenvolvimento Urbano no município da cidade de Guayaquil.

com especial realce para o médio/alto. Na última sessão, 37 pessoas preencheram um inquérito no qual manifestaram o seu interesse em formar um grupo de reflexão sobre a educação e família.

Ainda decorria a última sessão deste seminário e já estavam a chegar a Moura os jovens “TDCS”, para a II Regata Nacional “TDCS” que teve lugar de 27 a 29 de Março. Estiveram mais de 300 jovens vindos de 15 igre-

jas, bem como os escuteiros do agrupamento 28 da AEP (Moura).

Na cerimónia de entrega de prémios, estiveram presentes, como membros do júri entre outros, um vereador da C.M. de Moura e um representante do Banco patrocinador.

Este último, na entrega dos prémios,

teceu um enorme elogio à Igreja Adventista de Moura, o

que muito nos aprou-ve registar.

No âmbito das actividades locais, estamos a realizar regularmente, cada semana, 4 reuniões, 2 classes baptismais e 2 emissões de rádio. Por tudo isto, podemos dizer que Moura está em movimento.

Não gostaríamos, contudo, de terminar esta nota informativa, sem rogar a todos os irmãos que orem por nós, para que continuemos com mais dinâmica ainda, cumprindo a nossa missão com fervor, coragem e sabedoria, de modo a que o nome de Deus continue a ser exaltado e muitos conheçam e aceitem o Plano da Salvação.



*António Carvalho
Pastor da Igreja de Moura*

A IGREJA NO MUNDO

Algo o animou, porém, a aceitar o desafio de dirigir uma série de reuniões de evangelização num bairro sem presença adventista. Esse bairro, “As Orquídeas”, testemunhou a dedicação deste jovem evangelista leigo, que, auxiliado pela professora Violeta Matamoros, conduziu uma série que durou 40 noites. No fim tiveram a alegria de ver entrar nas águas baptismais, 16 novos crentes.

“O Adventismo é uma religião que causa novidade”

Esta frase apareceu em destaque na Secção “Sociedade” do jornal “El Comercio”, o mais importante do Equador. Os sargentos Altenor Gonçalves e Filho Souza, são adventistas brasileiros e membros do grupo de observadores procedentes de cinco países responsáveis pelo processo de paz entre o Equador e o Peru. Quando chegaram procuraram entre os colegas algum adventista e encontraram o sargento Fernando Cupura,

natural do Equador. Os três, propuseram-se levar a Mensagem aos outros membros do grupo de observadores e aos habitantes de Patuca, a povoação na qual estavam colocados, e que tem cerca de 2.000 habitantes.

De imediato entraram em contacto com o pastor Elid Moreira, responsável por aquele distrito. Fizeram planos, alugaram uma sala, compraram 400 cadeiras e uma televisão, tudo com o seu próprio dinheiro. Na primeira noite além de alguns moradores, estiveram 15 membros do grupo de observadores. Na noite seguinte a sala encheu-se. E durante todo o tempo que duraram as reuniões, a rotina da cidade foi alterada. Todos queriam escutar o Evangelho. O relato deste acontecimento encheu meia página do jornal acima citado com o título: “Em Patuca também se fala de saúde”.

No fim, e para glória de Deus, 12 pessoas foram baptizadas, entre elas um dos membros do grupo de observadores.

Posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre a Eutanásia



Na reunião plenária anual do Conselho Executivo da Conferência Geral, realizada de 5 a 12 de Outubro de 1992, foram propostas e adoptadas as seguintes directrizes sobre a assistência a prestar a moribundos.

Para as pessoas cujas vidas são guiadas pela Bíblia, a realidade da morte é reconhecida como parte da actual condição humana afectada pelo pecado (Gen. 2:17; Rom. 5; Heb. 9:27). Há “tempo de nascer e tempo de morrer” (Ecl. 3:2). Embora a vida eterna seja um dom concedido a todos os que aceitam a salvação por meio de Jesus Cristo, os cristãos fiéis aguardam a Segunda vinda de Jesus para a realização completa da sua imortalidade (João 3:36; Rom. 6:23; I Cor. 15:51-54). Enquanto esperam a volta de Jesus, os cristãos podem ser chamados a cuidar dos moribundos, e a enfrentar pessoalmente a sua própria morte.

A dor e o sofrimento fazem parte da vida humana. Os traumatismos de ordem física, mental e emocional, são universais. Todavia, o sofrimento humano não tem qualquer valor expiatório ou meritório. A Bíblia ensina que nenhuma quantidade ou intensidade de sofrimento humano pode fazer expiação pelo pecado. Somente o sofrimento de Jesus o pode fazer. A Escritura convida os cristãos a não perderem a esperança no meio das aflições, exortando-os a aprender a obediência (Heb. 5:7,8), a paciência (Tiago 1:2-

4) e a resistência nas tribulações (Rom. 5:3). A Bíblia também testifica da vitória pelo poder de Jesus (João 16:33) e ensina que o ministério em favor do sofrimento humano é um importante dever cristão (Mat. 25:34-40). Este foi o exemplo e o ensino de Jesus (Mat. 9:35; Luc. 10:34-36), e foi isso o que Ele nos disse para fazermos (Luc.10:37). Os cristãos aguardam o dia em que Deus porá fim a todo o sofrimento (Apoc. 21:4).

Os progressos da medicina moderna tornaram mais complexas as decisões relacionadas com os cuidados a prestar aos moribundos. No passado pouco se podia fazer para prolongar a vida humana. Mas a capacidade da medicina actual para adiar a morte deu origem a difíceis problemas morais e éticos. Que restrições põe a fé cristã ao uso desse poder? Quando é que o objectivo de pospor o momento da morte deve dar lugar ao objectivo de aliviar a dor no fim da vida? Quem está capacitado para tomar decisões a esse respeito? Que limites, se é que os há, deve o amor cristão colocar sobre acções que visem pôr fim ao sofrimento humano?

Tornou-se comum agrupar esses problemas sob a designação de eutanásia. Existe porém uma grande confusão quanto ao emprego desta expressão. O significado original e literal deste termo designava “uma boa morte”. Hoje o termo é usado com dois significados diferentes. Por vezes a eutanásia refere-se a pôr fim à vida de um

paciente para evitar uma agonia dolorosa ou para aliviar o fardo para a família ou a sociedade. (Esta é chamada a **eutanásia activa**.)

Todavia, sob o ponto de vista adventista, o termo é mal aplicado quando se refere a evitar ou suspender intervenções médicas que artificialmente prolonguem a vida humana, permitindo assim que a pessoa morra naturalmente. (Esta é chamada a **eutanásia passiva**.) Os Adventistas do Sétimo Dia crêem que o deixar um paciente morrer sem o recurso a intervenções médicas que apenas prolongam o sofrimento e retardam o momento da morte é moralmente diferente de acções que têm como intenção primária o pôr fim directo a uma vida.

Os Adventistas do Sétimo Dia procuram abordar os problemas éticos ligados ao termo da vida, de uma maneira que demonstre a sua fé em Deus como Criador e Redentor da vida e que revele como a graça de Deus os habilitou a praticar actos de amor ao próximo. Os Adventistas do Sétimo Dia afirmam que Deus criou a vida humana, dom maravilhoso, digno de ser protegido e conservado (Gén.1,2). Afirmam também que Deus oferece o dom maravilhoso da redenção por meio do qual é outorgada vida eterna aos que crêem (João 3:15; 17:3). Por isso, apoiam o uso da medicina moderna para

prolongar a vida humana neste mundo. Todavia, este poder deve ser usado de maneira compassiva, que revele a graça de Deus em diminuir o sofrimento. Dado que temos a promessa feita por Deus de uma vida eterna na Nova Terra, os cristãos não necessitam de ficar ansiosos perante os últimos momentos de vida nesta Terra. Nem é necessário aceitar ou oferecer todos os tratamentos médicos possíveis, que apenas prolongam o processo da morte.

Dedicados a cuidar da pessoa humana como um todo, os Adventistas do Sétimo Dia sentem-se responsáveis pelos cuidados de ordem física, emocional e espiritual,

dados aos moribundos. Com esta finalidade, propõem os seguintes princípios baseados na Bíblia:

1. Uma pessoa que se está aproximando do termo da vida, e que tenha a capacidade de compreender, tem o direito de conhecer a verdade acerca do seu estado, assim como dos tratamentos a escolher e dos possíveis resultados. A verdade não deve ser ocultada, mas transmitida com amor cristão e tendo em conta as circunstâncias culturais e pessoais do paciente (Efés. 4:15).
2. Deus deu aos seres humanos a liberdade de escolha e pede-lhes que dela façam uso de maneira

responsável. Os Adventistas do Sétimo Dia crêem que esta liberdade se estende a decisões acerca do cuidado médico a ser prestado. Depois de ter procurado a direcção divina e de ter considerado os interesses das pessoas afectadas pela decisão (Rom. 14:7), bem como o conselho médico, a pessoa que é capaz de decidir deve determinar se aceita ou rejeita intervenções médicas que visem prolongar a vida. Tal pessoa não deve ser forçada a submeter-se a tratamento médico que considere inaceitável.

3. Segundo o plano de Deus, as pessoas devem ser alimentadas no seio de uma família e de uma comunidade de fé. As decisões acerca da vida humana são tomadas de maneira mais acertada dentro

do contexto de relações familiares saudáveis após conselho médico (Gén. 2:18; Marc. 10:6-9; Êxo. 20:12; Efés. 5,6). Quando o moribundo se torna incapaz de consentir, ou de expressar preferência acerca da intervenção médica, as decisões devem ser tomadas por uma pessoa da sua escolha. No caso de ninguém ter sido escolhido, a decisão deve ser tomada por alguém estreitamente relacionado com o moribundo. Salvo em circunstâncias excepcionais, os profissionais médicos ou legais, devem deixar ao cuidado dos que estão estreitamente

*Os Adventistas do
Sétimo Dia
afirmam que Deus
criou a vida
humana, dom
maravilhoso,
digno de ser
protegido
e conservado.*

relacionados com o moribundo, as decisões a tomar sobre intervenções médicas. O ideal seria que os desejos e decisões do indivíduo fossem feitas por escrito e de acordo com as normas legais em vigor.

4. O amor cristão é prático e responsável (Rom. 13:8-10; I Cor. 13; Tiago 1:27; 2:17). Esse amor não nega a fé, nem nos obriga a oferecer ou aceitar intervenções médicas cujos inconvenientes seriam superiores aos prováveis benefícios. Por exemplo, quando os cuidados médicos apenas mantêm as funções corporais do paciente, sem esperança de recuperação da sua consciência, se tornam inúteis e podem, sem inconveniente moral, ser omitidos ou interrompidos. De igual modo, podem ser omitidos ou interrompidos, tratamentos médicos que apenas sirvam para aumentar o sofrimento do doente, ou prolongar inutilmente a sua agonia. Toda a acção empreendida, deve estar em harmonia com as normas legais.

5. Embora o amor cristão possa levar a evitar ou interromper intervenções médicas que apenas aumentam o sofrimento ou prolongam a agonia, os Adventistas do Sétimo Dia não praticam o “pôr termo à vida por misericórdia”, nem prestam ajuda ao suicídio (Gén. 9:5,6; Êxo. 20:13; 23:7). Opõem-se à eutanásia activa, ao tirar intencionalmente a vida a uma pessoa sofredora ou moribunda.

6. A compaixão cristã inspira a prestar alívio do sofrimento (Mat. 25:34-40; Luc. 10:29-37). Ao tratar do moribundo, constitui uma responsabilidade cristã o aliviar a dor e o sofrimento na maior medida possível, com exclusão da eutanásia acti-

va. Quando se torna evidente que nenhuma intervenção médica pode curar um doente, os cuidados devem ter como objectivo primário, aliviar o seu sofrimento.

7. O princípio bíblico da justiça prescreve que seja prestada a maior assistência às necessidades das pessoas indefesas e dependentes (Sal. 82:3,4; Prov. 24:11,12; Isa. 1:1-18; Miq. 6:8; Luc. 1:52-54). Devido à sua condição vulnerável, deve ser tomado cuidado especial em assegurar que as pessoas moribundas sejam tratadas com respeito pela sua dignidade e sem injusta discriminação. O cuidado em favor dos moribundos deve ser baseado mais nas suas necessidades espirituais e médicas, e nas suas escolhas, do que no seu estatuto social (Tiago 2:1-9).

*Opõem-se à
eutanásia, ao tirar
intencionalmente
a vida a uma
pessoa sofredora
ou moribunda.*

Ao procurarem aplicar estes princípios, os Adventistas do Sétimo Dia encontram esperança e coragem no facto de que Deus responde às orações dos Seus filhos e pode operar miraculosamente em seu favor (Sal. 103:1-5; Tiago 5:13-16). Seguindo o exemplo de Jesus, também oram para que neles se cumpra a vontade de Deus em todas as coisas (Mat. 26:39). Confiam que podem recorrer ao poder de Deus para os ajudar a cuidar das necessidades físicas e espirituais dos sofredores e moribundos. Sabem que a graça de Deus é suficiente para os habilitar a suportar a adver-

sidade (Sal. 50:14,15). Crêem que a vida eterna para todos os que têm fé em Jesus, se consumará no triunfo do amor de Deus.”■

O Deus dos Perdidos

G. WATSON PICKUP

Deixem-me confessar uma coisa: eu “cato” dinheiro na rua. Há quatro anos apanhei 47,09 dólares, há três anos apanhei 86,25, há dois anos, 107,19 e no ano passado 147,45 dólares.

Como é que posso ter tanta certeza destas quantias? Porque no último culto matinal de cada ano, entrego o total que encontrei para o fundo de beneficência da Igreja. Não faço isto para me evidenciar. Mas em parte para me divertir a ver os diáconos e algumas outras pessoas a tentarem levar a bandeja da oferta, quando esta é levantada.

A maior parte do dinheiro, tenho de o admitir, é em cêntimos e muito dele também em moedas de cinco cêntimos. Mais raro, mas nada de espantar, é encontrar moedas maiores, ou alguma nota. A maior que apanhei foi de 20 dólares.

Grande parte do dinheiro encontro-o na escola secundária onde leciono. Ao fazer a minha ronda semanal nos corredores ou no parque de estacionamento quando vou buscar o meu carro, encontro dinheiro por todo o lado.

Numa ocasião, alguém, sorrateiramente, deixou um *pilha* de moedas de cêntimo à porta da minha sala de aulas; pelo menos, acho que foi uma pilha que espalhei com o pé, pelo corredor. Contudo, tive de apanhar quase 20 moedas que outra pessoa tinha juntado e empilhado. Noutra ocasião, alguém deixou outra pilha, mas agora de moedas diferentes, muito bem arrumadinhas, em cima do tejadilho do meu carro.

Encontro muitas moedas quando vou fazer o meu passeio à noite, porque o reflexo da luz dos candeeiros da rua me ajuda a encontrá-las. Os meus filhos encontram-nas e trazem-nas para um frasco de manteiga de amendoim com um esquilo na tampa e a que chamamos “o frasco de Deus”.

Um dia um aluno rebelde, o Patrick, perguntou-me bruscamente porque é que eu apanhava o dinheiro que os alunos deixam por aí. Ao princípio pensei que era alguma indirecta sobre os vencimentos dos professores. Mas

expliquei-lhe o que fazia com o dinheiro. Alguns dias mais tarde, durante os quais quase não encontrara moedas, fiquei espantado ao saber que o Patrick, o rebelde, tinha andado a apanhá-las antes de mim. No último dia de aulas dessa semana ele descarregou duas grandes mãos-cheias de moedas, nas minhas mãos. O seu sorriso era caloroso e maroto; admitir que estava satisfeito por poder ajudar, foi uma delícia.

Agora, que lição tiramos de tudo isto?

As moedas são como nós. Somos inúteis na rua, nos corredores, no chão à frente da caixa registadora. Para além da maneira como Deus nos vê a cada um de nós,

pouco valor temos. É a missão que Deus tem para nós, que nos torna valiosos. Mas ficamos, ali, à espera que Deus nos use como Lhe aprouver. E então sim. Aí há poder! Um a um podemos aglomerar-nos num “frasco de Deus” enorme para sermos usados no Seu trabalho no momento em que só Deus sabe que será o ideal para o Seu plano.

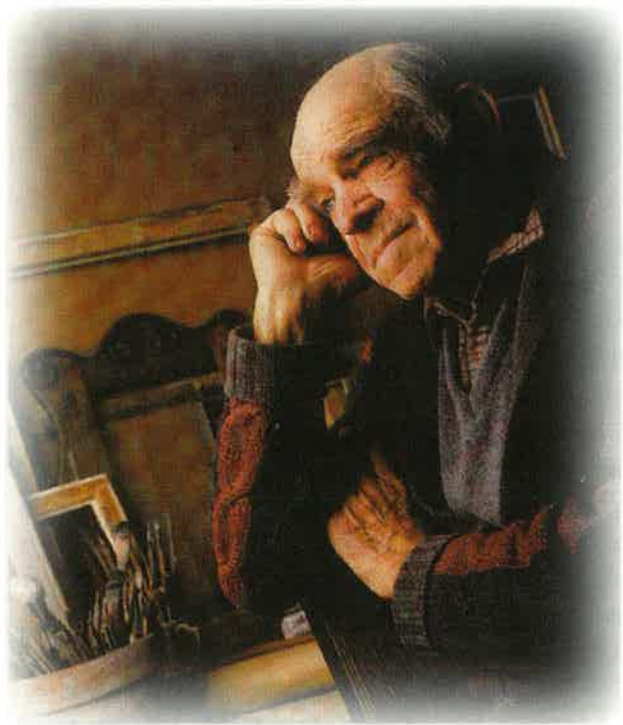
O nosso *Abba-Pai* é o Deus dos perdidos. Ele sai à procura apesar de nós nem sabermos a nossa verdadeira condição. Ali estamos nós, muitas vezes à vista de todos, mas, não obstante perdidos, à espera que o Deus dos perdidos nos guie com benevolência, a si que me lê, e a

mim, para o Seu serviço. Nas mãos do Deus dos perdidos, dos abatidos, é que há valor real, um valor que foi suficiente para que Deus enviasse Cristo, o Redentor. E oh! Quanto custou a Cristo recuperar-nos!

Deus dos perdidos, apanha-me, segura-me com força nas palmas trespassadas das mãos de Jesus e depois, pelo Teu poder, usa-me no Teu serviço. Ajuda-me, a aperceber-me com humildade, da influência que poderei ter naqueles com quem entro em contacto. Usa-me a mim, os meus talentos, as minhas energias, para ajudar outros a virem até Ti. Usa-me, ó Deus dos perdidos, para aumentar o Teu Reino e para abreviar a vinda do Teu Filho Jesus. ■



G. Watson Pickup
Professor de inglês em Alberta, Canadá



Harry Anderson, um Talento Consagrado

ERNESTO FERREIRA

Até ao presente, o mais notável pintor adventista foi sem dúvida Harry Anderson (1906-1996). Antes de aceitar a Mensagem, já ele era bem conhecido como ilustrador de revistas de ampla circulação nos Estados Unidos, tais como *Saturday Evening Post*, *McCall's*, *Cosmopolitan* e *Collier's*.

Testemunho e intervenção de um trabalhador humilde

Já bem lançado na vida, em 1941 Harry Anderson comprou uma vivenda na área de Chicago. Para vários arranjos no edifício e no quintal anexo, encarregou uma agência de lhe procurar um trabalhador.

Apareceu um sr. Stoller, que desde o início, pela sua diligência e perfeição no trabalho, deixou uma boa impressão, a tal ponto que os membros da família o convidaram a passar a almoçar com eles.

Em breve notaram que ele não se servia da carne de porco e perguntaram-lhe qual o motivo por que a não comia.

Stoller limitou-se a chamar a sua atenção para o capítulo 11 do livro de Levítico. Foram buscar uma Bíblia e ao verem nesse capítulo mencionada a carne de porco como sendo imprópria para consumo, ficaram admirados por nunca lhes ter sido mostrado isso. A partir de então

muitas perguntas se seguiram, chegando a Sra. Ruth Anderson e a sua Mãe a ir ter com Stoller e a fazer-lhe perguntas enquanto ele estava ocupado a preparar o terreno do quintal para ser devidamente cultivado.

Como o desejo de aprender fosse aumentando e pedissem novos esclarecimentos, Stoller recordou-lhes que não passava de um simples leigo, mas que se desejavam saber mais podia trazer alguns slides com gravuras e textos bíblicos que explicariam tudo melhor do que ele.

Na combinada sexta-feira à noite, vieram os Stollers e trouxeram com eles uma série de slides e um projector.

Foi tudo tão interessante que se combinaram novos estudos para as sextas-feiras seguintes.

Desta maneira foram apresentadas as várias doutrinas bíblicas professadas pela Igreja Adventista com os textos em que se baseavam.

Não tardou que os Andersons passassem a assistir aos cultos de Sábado, a integrar-se numa classe bíblica, a praticar a mordomia e as restantes práticas do estilo de vida adventista, e, finalmente, a dar o seu testemunho público pelo baptismo num belo dia de 1942.

Novo Rumo de uma Carreira Artística

O pastor que os baptizou foi o Dr. Glenn Miller, médico dentista que abandonara a sua profissão para se

tornar um ministro Adventista do Sétimo Dia. Conversando com o Sr. Anderson, entusiasmou-o a dedicar os seus talentos ao Senhor.

Em resposta ao convite que lhe foi dirigido, passou a trabalhar com a Casa Publicadora Adventista (“Review and Herald Publishing Association”) para ilustrar os seus livros e revistas, aliás em condições financeiras muito menos vantajosas do que as que lhe eram oferecidas por outras empresas.

A modéstia e a humildade de Harry Anderson estão patentes na declaração feita à imprensa pouco depois do seu ingresso na Igreja Adventista: “Desejaria que todos os que apoiam a minha obra se unissem comigo pedindo ao Senhor que me habilite, por meio da ‘pregação pela imagem’, a estender abundantemente a obra de Deus na terra e a honrar a Cristo, a quem pertence toda a glória.”

Os Seus Maravilhosos Quadros

Um dos mais famosos quadros produzidos por Anderson é o que representa Jesus com uma criança ao colo dirigindo-lhe a pergunta: *Que sucedeu à Tua mão?* Essa obra de arte foi comprada pela Casa Publicadora Adventista apenas por 200 dólares, numa altura em que ainda não havia a protecção do copyright em favor do artista.

Outro quadro conhecido em todo o mundo é o que representa Jesus, *O Príncipe da Paz*, junto ao edifício das Nações Unidas.

E quem não conhece a tocante cena de *Cristo e a criança doente*; a



figura de Jesus defendendo o crente perante a Lei no Santuário Celeste; as suas repousantes e gloriosas visões da Nova Terra; e tantos outros quadros cujas reproduções são hoje conhecidas em todo o mundo?

Um dos seus discípulos e admiradores, Lars Justinen, declara a respeito de Anderson: “Quanto a mim, nenhum artista foi capaz de captar como ele a essência de Cristo. Harry punha todo o peso das suas convicções quando pintava um quadro do seu Salvador, e isso torna-se evidente na sua obra. Nas suas pinturas, Jesus é sempre

retratado com despretenhosa nobreza. Os olhos do Salvador estão cheios de ternura e apesar disso Ele retém a Sua força varonil. Através d’Ele brilha um porte imaculado, de carácter divino.”

As suas Obras Seguem-no

Em 1994, teve a honra de ser incluído no “Illustrators’ Hall of Fame” do Museu da Ilustração Americana – honra essa que figura entre as mais altas no mundo da arte e que até aqui só foi concedida a 36 ilustradores, enquanto vivos.

Mas só Deus conhece o impacto produzido pelas pinturas de Anderson sobre os seus incontáveis admiradores espalhados por todo o mundo. ■

Eles Preferiram *uma...* uma Chicotada

VIRGIL E. ROBINSON

Todos os que viviam na vila ouviram o sinal e entenderam o seu significado: tinha chegado o momento de iniciar os trabalhos nas estradas. Era exigida, a todos, a participação naquele trabalho durante duas semanas.

Os adventistas que viviam naquela área tinham razões para estar preocupados. Tinha chegado um novo capataz e era sabido que este não os apreciava e que portanto não lhes facilitaria a vida. Alguns dos membros da igreja já o tinham visitado, pedindo-lhe, com muito respeito, para ficarem isentos de trabalhar no dia de Sábado. Trabalhariam qualquer outro dia, mas ao Sábado gostariam de estar livres para adorarem Deus. O novo capataz mostrou-se extremamente irado com esta ousadia, e disse que tinham de ir trabalhar quando fossem chamados, sem ter em atenção o dia da semana. Ora, estes acontecimentos ocorrem precisamente, numa manhã de Sábado.

Um dos que estava escalado, era Pedro, o mais antigo membro da igreja nesse lugar. Que faria? Ele não podia ir trabalhar ao Sábado. Responderia ao chamamento e iria trabalhar como os outros, para evitar problemas? Juntamente com a sua esposa, ajoelhou-se e pediu a Deus firmeza na fé. A seguir vestiu a sua melhor roupa (a roupa do Sábado) e pegando na sua documentação foi juntar-se ao grupo.

No caminho, encontrou-se com um dos diáconos da igreja, o irmão Yohano que também se vestira com a roupa do Sábado. Perto do local da concentração, encontraram três outros membros da Igreja, mas ficaram tristes ao ver que estes estavam com as roupas do trabalho. Quando Pedro lhes perguntou o que iriam fazer, responderam que tinham trazido os seus documentos e iriam pedir ao capataz que os deixasse trabalhar em qualquer outro dia, em substituição do Sábado.

Quando o capataz saiu do seu local de trabalho acompanhado pelos seus ajudantes, foi feita a chamada individual e a seguir dada a ordem, breve e seca: cada um deveria pegar nas ferramentas e dirigir-se para o trabalho! A maioria obedeceu.

Mas houve cinco homens que não se mexeram. Todos pararam para ver o que iria acontecer. Eles, respeitosa-mente, mais uma vez expuseram os seus motivos e pediram que lhes fosse possível agir de acordo com a sua consciência.

Como resposta foram acusados de serem preguiçosos, procurando assim comprometê-los diante dos funcionários do governo que estavam presentes.

Nesse momento, um oficial do governo disse:

“Eu trato disso!”

E dirigindo-se a Pedro e aos outros que estavam com ele lembrou-lhes que isto era uma ordem, segundo a qual cada homem deveria trabalhar durante duas semanas nas estradas. Depois de lhes falar em tom conciliador, disse:

“Agora, pela última vez, peguem nas enxadas e juntem-se aos outros para ir trabalhar. Isto é uma ordem!”

Nenhum dos cinco homens se mexeu.

O oficial olhou para eles com olhar severo e acrescentou:

“Se vocês não me obedecerem, serão castigados. Aquele que não pegar na enxada receberá cinco chicotadas com o *kabobo*, e posto na prisão durante um mês”. (O *kabobo* é um chicote feito de pele de hipopótamo.)

Os cinco homens olharam uns para os outros em silêncio. Então três deles pegaram nas enxadas e juntaram-se aos que iam trabalhar.

Pedro e Yohano ficaram onde estavam.

Foram buscar o chicote e tudo foi preparado para o castigo.

Mas no momento em que este ia ser aplicado, o responsável do governo deu ordem para que o suspendessem e acrescentou:

“Estes dois homens mostraram ser firmes nas suas convicções religiosas e por isso não serão punidos. Apenas quis provar a sua fidelidade”.

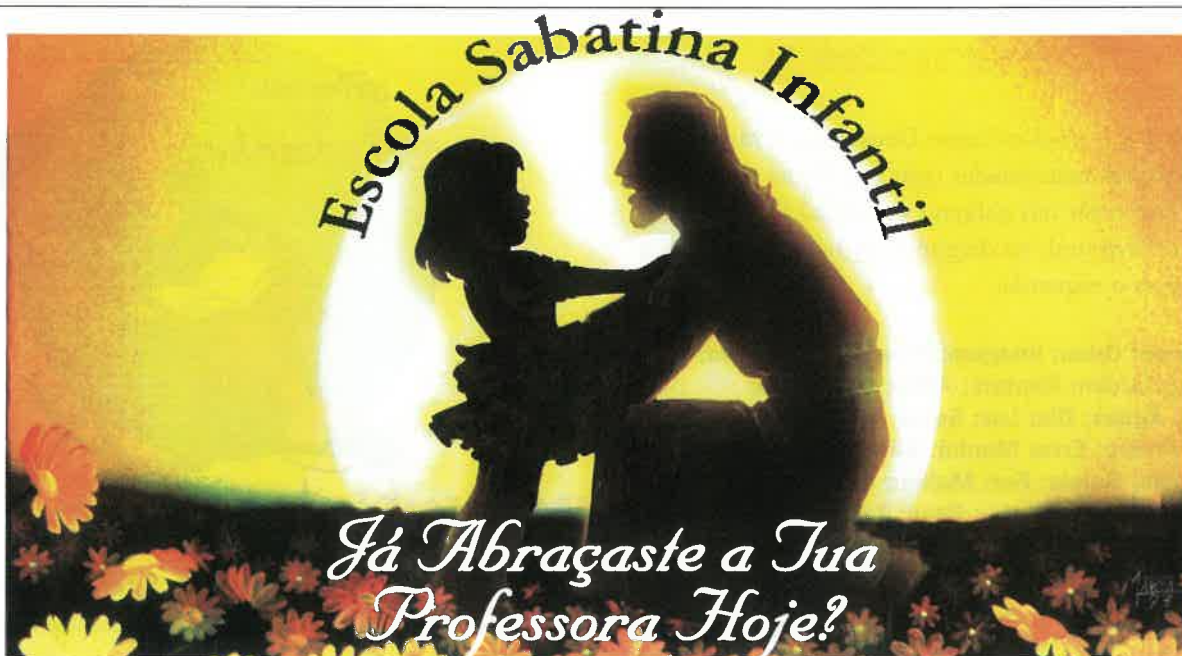
Dirigindo-se então aos nossos irmãos disse-lhes que poderiam voltar para casa e que não seriam obrigados a trabalhar nas estradas durante esse ano.

Com que alegria se levantaram do chão e regressaram ao lar!

Com que tristeza os outros três se dirigiram para o trabalho!

Um dos não adventistas disse, enquanto se dirigia para a estrada: “Verdadeiramente o Deus dos adventistas trabalhou em favor destes dois crentes fiéis.” ■

EXPERIÊNCIA
COM
DEUS



KAY RIZZO

Se o Céu estiver cheio de crianças, Lena Hutchins sentir-se-á perfeitamente à vontade. A Sra. Hutchins é uma mulher especial. É uma daquelas fiéis que ensinam crianças no Rol do Berço e no Jardim de Infância, geração após geração. Muito tempo depois da sua única filha se ter casado, a Sra. Hutchins ainda dedicava horas e horas a cortar corações de feltro e a colar purpurina em coroas pontilhadas de estrelas. Todas as semanas, durante décadas, ela ensinava os dedinhos a fazerem a chuva a cair e os lábios balbuciantes a louvarem o nome de Jesus.

Lembro-me perfeitamente de, naquelas manhãs na sala do Jardim de Infância da igreja de Troy, Nova Iorque, estar a colar passarinhos no meu cartão de incentivo de presença, enquanto lhe contava os meus mais recentes segredos. Ela dedicava sempre tempo para me ouvir com paciência e demonstrava genuíno interesse nas minhas criancices. O interesse dela por mim não diminuiu quando fui transferida para a classe seguinte. Mais tarde, quando eu ia para casa nas férias do Colégio Interno, o seu interesse continuava a manifestar-se. Quando levei os meus filhos à sua classe, foi como se ela os considerasse os seus próprios netos.

Houve muitos outros crentes que encontrei ao longo do caminho e que me deixaram impressões muito positivas – os casais Buck, Grimes e Taylor, que abriam o seu lar para festinhas de adolescentes desordeiros nos sábados à noite, para rodadas de milho assado, para patinagem à luz do luar no lago congelado e para acampamentos nos fins de semana. Tive professoras muito queridas, como Marie Johnson, que reconheceu mais potencial em mim do que eu mesma conseguia ver. Pastores dedicados, que na igreja me incentivavam em lugar de procurarem apagar o meu espírito extremamente alegre. Deve ter havido ocasiões em que esses laboriosos santos se sentiram exaustos, sós, desanimados ou não apreciados. A sua recompensa, entretanto, é certa.

Enquanto a Sra. Hutchins colava as estrelas nas coroas de cartolina, na sua mesa da cozinha; enquanto a Sra. Grimes apanhava as pipocas espalhadas pela carpete da sua sala, ou enquanto o Sr. Buck enchia as cestas com as espigas de milho para assar nos encontros de Sábado à noite, eles podem não ter percebido, mas estavam a reunir estrelas – estrelas para as suas coroas. Só imagino o número de estrelas que as suas coroas terão! Sei, pela graça do meu Salvador, que uma estrela em cada coroa dessas terá o meu nome escrito. Enquanto não chega esse dia, o meu sincero agradecimento será tudo o que eu posso oferecer.

Tens uma Sra. Hutchins, um Sr. Buck ou uma Sra. Johnson no teu passado? Há, na tua igreja, professores e líderes que, ano após ano, usam o seu próprio tempo e dinheiro, que abrem os seus lares aos Sábados à noite e, mais importante ainda, abrem o coração aos pequeninos do Senhor? Se a resposta é afirmativa, tira tempo para comunicar-te com eles. Um telefonema, um bilhetezinho, umas flores, podem ser o remédio certo para um espírito abatido.

Jesus disse: “Não os impeçais”. Ao providenciarem um lugar seguro para que os pequeninos cresçam em Jesus, as Sras. Hutchins cumprem a ordem do Salvador. Ao providenciarem um lugar seguro para o aprendizado das crianças, as Sras. Johnson das nossas classes cumprem o mandado de Jesus. E ao oferecerem um lugar onde os jovens possam “testar as suas asas”, os Pastores Hartman enchem a mesa do Mestre – pois dos tais é o reino dos Céus. ■

Departamento do Ministério Infantil

Visita a Portugal da Irmã Virgínia Smith – Departamental do Ministério da Criança da Conferência Geral

Programa:

11/06 – CAOD; 12/06 – Coimbra; 13/06 – Setúbal (Culto); 13/06 - Lx.-Central (16h) – Seminário com Monitores e Membros da Igreja; 14/06 - Lx.-Central (11h) – Seminário com Pastores e Coordenadores da E.S.

DO PRINCÍPIO É QUE SE COMEÇA

Gênesis 1 e 2 revelam como Deus criou o Mundo. Quantas palavras relacionadas com esse Poder Criador consegues encontrar nas palavras cruzadas? Procura na vertical, na horizontal, na diagonal, de baixo para cima e da direita para a esquerda.

Abençoou; Criou; Imagem; Princípio; Acabado; Descansou; Jardim; Répteis; Adão; Deus; Lua; Santificou; Águas; Dia; Luz; Seca; Animal; Éden; Mãe; Semente; Árvore; Erva; Manhã; Sétimo; Aves; Estrelas; Mares; Sinais; Baleia; Fez; Mulher; Sol; Bom; Fôlego; Noite; Sono; Céus; Formou; Osso; Tarde; Chuva; Fruto; Pai; Terra; Ciência; Gado; Peixes; Trevas; Costela; Homem; Primeiro; Vida

P B X Z O V B S A U G A D R E
 R A J A M T C N F P V B E E S
 I L O S I J E T N E M E S P T
 N E H E T D X P A I A N C T R
 C I N R E F M ã E X N Ç A E E
 I A D A S E C A N E H O N I L
 P R I M E I R O Q S ã O S S A
 I M A G E M I T V J N U O J S
 O S S O J F O L E G O I U A I
 U D A D ã O U H O D A G P R N
 R A N T I N V I D A H S Q D A
 L V T N C O X D A S E A E I I
 U R I U O S P M B V Ç T L M S
 Z E F R U T O J A H G A R A F
 N O I T E B D S C A U R E R L
 M N C O S T E L A L B D H V A
 V C O X Z E Q A V O S E L O M
 C E U S E R D E U S D C U R I
 T G U O M R O F H O M E M E N
 B T R E V A S H C I E N C I A



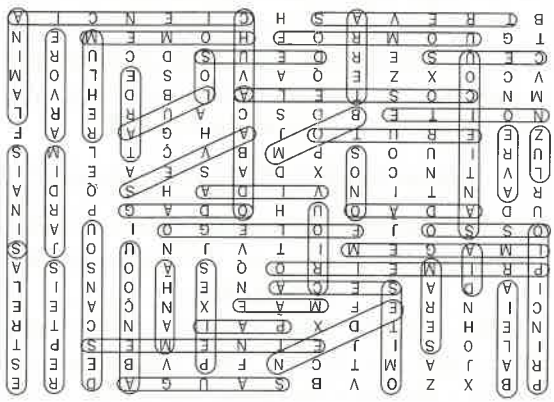
FRASES FANTÁSTICAS

Deves conhecer muitas frases da Bíblia. Depois de olhares para cada desenho, descobre qual é a palavra que ela representa e coloca-a no espaço para completar estas frases tiradas do livro de Mateus.



- “Buscai, e _____.” (Mateus 7:7)
- “O _____ nosso de cada dia nos dá hoje.” (Mateus 6:11)
- “Porque muitos são chamados, mas poucos _____.” (Mateus 22:14)
- “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como _____, mas, interiormente, são _____ devoradores.” (Mateus 7:15)
- “Não deis aos _____ as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas.” (Mateus 7:6)
- “Nem só de _____ viverá o homem.” (Mateus 4:4)
- “Não _____, para que não sejas _____.” (Mateus 7:1)
- “Bem-aventurados os _____, porque eles serão chamados filhos de Deus.” (Mateus 5:9)
- “Vós sois o _____ da terra; e se o _____ for insípido, com que se há-de salgar?” (Mateus 5:13)
- “_____ por _____, e _____ por _____.” (Mateus 5:38)

Soluções: 1. enconrreais / 2. pão / 3. escolhidos / 4. ovelhas; lobos / 5. cães / 6. pão / 7. julgais; julga- dos / 8. pacificadores / 9. sal; sal / 10. olho; olho; dentes; dente



Soluções

Amigo que Nunca Falha

CHARLOTTE F. LESSA

Seu toque de misericórdia alcança todo o coração sofredor.

Ela estava triste, chorando baixinho. Sozinha, num cantinho da biblioteca, lamentava o fim de um casamento que durara dez anos. Foi então que a sua amiga se aproximou. Colocou a mão sobre o seu ombro e disse:

Vera, eu sei o que estás a sofrer. Já passei por isso. É muito duro. Tu amava-lo muito, não é?

Nesta altura, a Vera voltou-se para a amiga, olhou nos seus olhos e viu neles compreensão, amizade, carinho. Abraçaram-se e logo aquela sensação de abandono se desvaneceu.

Quem não gosta de ter um amigo com o qual possa contar nos momentos de tristeza? Mas, às vezes, esse amigo falha. Não está ali quando precisamos dele. Nem sempre temos um ombro sobre o qual reclinar a cabeça ou um ouvido que ouça os nossos gemidos. No entanto, mesmo que todos falhem, existe Alguém que é infalível: Cristo.

Jesus é o socorro sempre presente na angústia. Não há aflição que não tenha suportado, nem dor que não tenha sentido. Nada o impede de compreender o nosso drama.

Gosto da história do caminhante solitário na praia da vida que, ao se ver diante de duras provas, viu só um par de pegadas na areia. Aquelas eram as pegadas de Jesus que o carregou ao colo quando se sentiu incapaz de continuar a jornada. É justamente isto o que Cristo faz por nós. Ele toma-nos nos Seus braços e conduz-nos através de vales e montanhas.

Lembro-me bem. Como era linda a nossa filha mais nova! Perfeita. Mas o tempo mostrou-nos que dentro daquele invólucro de perfeição se escondia uma deficiência. À medida que nos apercebíamos dela, sentíamos cada

vez mais profunda a dor da realidade. No entanto, por entre os momentos de angústia e frustração, Cristo tomou-nos nos Seus braços de amor. A dor não foi diminuída. A tristeza não se transformou em alegria. Mas Ele deu-nos capacidade para suportar tudo e ajudou-nos a transformar a provação em bênção.

Como é bom poder confiar nesse Amigo. Ele não coloca um muro de protecção em volta dos Seus filhos. Ama-os demais para lhes fazer isso. O que faz é conceder-lhes poder e tempo para superar a dor. Cristo não os tira do mundo, mas livra-os do mal. A Seu modo e na Sua misericórdia. Livrar do mal não significa, necessariamente, eliminar a dor. Pode significar capacidade para a aceitar. Livra do mal, sim, mas na Sua infinita sabedoria. E é bom lembrar que a dor pode ser exactamente aquilo de que precisamos para sermos libertos do mal.

“Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava.” Mar. 10:16.

“Cobrir-te-á com as Suas penas, e, sob Suas asas, estarás seguro.” Sal. 91:4.

“Nas Tuas mãos, estão os meus dias.” Sal. 31:15.

“Instruir-te-ei e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os Meus olhos.” Sal. 32:8

Braços, asas, mãos, olhos. O Senhor é um Deus pessoal, presente, amoroso, fortalecedor. Nunca nega o Seu apoio àqueles que a Ele se entregam. O Seu toque de misericórdia alcança todo o coração que sofre. O Seu braço poderoso sustenta, as Suas asas protegem, as Suas mãos dirigem, o Seu olhar indica o caminho. Este é o Cristo que voltará para dar descanso ao cansado, alívio ao sofredor, eterna felicidade ao infeliz. Deus seja louvado por este Maravilhoso Salvador! ■

AS NOSSAS

Primavera. A natureza renasce. Prenúncios de nova vida contrastam com memórias de "revolução". A educação adventista renasce, mas as memórias permanecem.

A nossa luta vai contra as ideias estereotipadas que proliferam na mente de muitos pais e educadores que pensam e afirmam que o sistema de ensino estatal é capaz, suficiente e vantajoso para educar os seus filhos e filhas da Igreja. Esquecem-se, ou ignoram que qualquer processo de aprendizagem resulta da interacção dos seus intervenientes e das respectivas ordens de motivação quanto ao alcance dos objectivos propostos.

Sendo o objectivo primordial das escolas adventistas a EDUCAÇÃO PARA A ETERNIDADE, os intervenientes no processo educativo estão empenhados em transmitir aos alunos não apenas um conjunto de saberes ou de diversidade de métodos e técnicas inovadores, mas também e acima de tudo, a imagem e o carácter do grande Mestre e Senhor. Deste modo, *"a mente humana é colocada em comunhão com a mente divina, o finito com o Infinito. O efeito de tal comunhão sobre o corpo, o espírito e a alma, está além de toda a estimativa.*

Encontra-se nesta comunhão a mais elevada educação. É o próprio método de Deus para o desenvolvimento." (E.G.White, *Educação*, p. 14)

Associar o saber e o desenvolvimento real ao conhecimento do verdadeiro Deus é o caminho que a escola adventista se propõe percorrer no sentido da valorização da dimensão divina do estudo, do trabalho e da cidadania.

Embora a educação adventista não seja totalmente perfeita, ela permanece ainda um tesouro incalculável.

Natividade Quintino
Directora do Colégio Infante D. Joana

Colégio Infanta D. Joana

Rua Ponta Delgada, n.º 1 - 1000 LISBOA
Telef: (01) 354 54 55 Fax: (01)352 48 86

Internet: Info cl-Adventista- Lsb.Rcts.Pt
Http: // www.cl-Adventista Lsb.Rcts.Pt

Ensino Pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclo do
Ensino Básico - (1.º ao 9.º ano)
Ensino Comparticipado pela sua Igreja e pelo
Ministério de Educação

Externato Adventista de Coimbra

Rua Teixeira de Carvalho, n.º 22
3000 COIMBRA
Telef. (039) 71 77 28
1.º Ciclo do Ensino Básico

Colégio Adventista de Setúbal

Rua Latino Coelho, n.º 8 - 2900 SETÚBAL
Telef. (065) 53 32 77
Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Externato Adventista do Funchal

Rua Conde de Carvalhal, n.º 6A
9050 FUNCHAL
Telef. (091) 23 50 07
1.º Ciclo do Ensino Básico



Prezados Pais

Procuram a melhor
educação para os
vossos filhos?
Nós temos a
resposta!



O **Colégio Adventista de Oliveira do Douro** possui uma larga e sólida experiência na área da educação cristã.

No CAOD cada professor, cada responsável, cada funcionário procura responder às reais necessidades dos alunos.

Para os alunos internos, o CAOD possui óptimas instalações com o indispensável conforto.

Uma competente equipa de preceptores ocupa-se, dia e noite, do bem-estar dos alunos internos.

Para estudar no CAOD existe a possibilidade de apoio financeiro:

- Através do Ministério da Educação,
- Através de bolsas de estudo da Igreja.

Nós educamos a pensar na Eternidade!
Fraternalmente,

Pr. Luís Rosa

Preceptor responsável pelos Internatos.

Para informações:

Colégio Adventista de Oliveira do Douro
Rua do Jorgim, N.º 166
4430 Oliveira do Douro VNG
Tel. (02) 782 37 32 - 782 84 84
Fax. (02) 783 09 57